



Rádio-Escola: Adolescentes produzem programa de rádio no alto-falante da cidade – Iguaraçu-PR¹

Patrícia Velasco BELMONT²
Fernanda Négri Sparapan BERGAMO³
Prof^a Dr^a Luzia Yamashita DELIBERADOR⁴
Faculdade Maringá, Maringá, PR

APRESENTAÇÃO

Iguaraçu é uma cidade situada no norte do Paraná, distante 428 km da capital. Sua população estimada em 2007 é de aproximadamente 5.000 habitantes. A cidade oferece várias atividades: projetos e cursos para desenvolver a consciência dos cidadãos. Esses projetos são realizados no Centro Cultura Ângelo Zampieri, que abriga uma ampla biblioteca municipal (Biblioteca Giacomio Zulian), realização de projetos e cursos como oficina de talentos (canto, violão, teatro, artesanato, pintura), cursos de costura industrial, e projetos que usam o esporte para manter crianças e adolescentes longe das drogas e da marginalidade. Possui alguns cursos profissionalizantes como a Escola Municipal de Informática.

O trabalho que iremos desenvolver será realizado no alto-falante da cidade de Iguaraçu, “A voz do município de Iguaraçu”. É um órgão que pertence à Prefeitura Municipal e está no ar há 30 anos. No começo as informações eram transmitidas por Orlando Titato (que permaneceu por mais tempo no alto-falante), que, por sua vez, passou o cargo à Mario Titato (desde 1971 até os dias de hoje), ambos moradores da cidade. Seus horários de funcionamento são das 12h às 13h, e das 18h às 19h, sendo que notícias de última hora são dadas em qualquer horário. São transmitidas

¹ Trabalho submetido ao Expecom Sul 2008, na categoria Educativo, modalidade produto Audiovisual.

² Aluna líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá, email: patybel_85@hotmail.com

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso de Jornalismo da Faculdade Maringá, email: fernsbergamo@hotmail.com

⁴ Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo Faculdade Maringá, email: adeli@sercomtel.com.br



informações como: notas de falecimento, achados e perdidos, comunicados especiais, datas comemorativas, músicas, recados, entre outros.

A instalação nada mais é que aparelhos simples e de curto alcance. Em toda sua história ele nunca teve um lugar fixo e nem uma torre com alto-falantes adequados para suas programações serem ouvidas a longa distância. Atualmente, o estúdio é uma pequena sala (2 m²) no Ginásio de Esportes da cidade, e seus alto-falantes estão instalados numa torre localizada dentro da Delegacia de Polícia (altura da torre: 10 metros).

Apesar da simplicidade este é o único veículo de informação em Iguaraçu e é conhecido como a rádio da cidade e de utilidade pública, com informações de última hora, achados e perdidos, notas de falecimento e também meio de diversão, utilizado pela população para oferecer músicas a alguém especial.

O alto-falante, enquanto veículo de informações, será utilizado para a execução deste projeto que será elaborado pelos alunos da 8ª série do ensino fundamental, do Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo, que é o único na cidade. Escolhemos estudantes de 8ª série na faixa etária entre 13 a 15 anos de idade.

A Rádio Escola contribuirá para que os alunos do Colégio Estadual de Iguaraçu exercitem a cidadania, se atualizem dos acontecimentos da cidade, propiciando às crianças a oportunidade para a sua atualização e melhora na redação. Inserir desde criança em um projeto comunitário ajudará no desenvolvimento da cidadania, como pessoas que buscam seus valores dentro da sociedade.

A produção do programa de rádio feita pelos alunos ajudará na consciência crítica diante da mídia. Segundo Raquel, “[...] educar para a mídia pode significar desenvolver métodos de leitura crítica, destinados a preparar a consciência de crianças, adolescentes e estamentos populares para uma recepção não-alienante dos conteúdos midiáticos.” (SOARES, 2006, pg. 109)

A população de Iguaraçu é carente de informações por falta de veículos de comunicação na cidade. Conforme os questionários feitos com os alunos, 90% deles ficam a maior parte do dia, quando não estão na escola, na frente da televisão. Poucas crianças têm acesso à Internet e ao computador.



Os meios de comunicação têm o seu papel na sociedade de informar os cidadãos, mas a indústria de informações na busca por leitores, receptores e ouvintes faz com que a mídia distorça muitas vezes a verdadeira realidade dos fatos.

Na era da globalização, as informações chegam aos receptores com velocidade cada vez mais rápida, principalmente a Internet, onde as notícias são atualizadas instantaneamente. Por isso, a carga de informações que os cidadãos recebem vem fazendo com que eles não absorvam toda a notícia e não tenham tempo de opinar sobre o fato ocorrido.

As crianças e adolescentes são alienadas pelas propagandas e desenhos animados da televisão. Toda a indústria de consumo gira em torno de buscar mais consumidores, a mídia vem investindo cada vez mais no público infantil e juvenil.

Segundo Rosana, “Levar o jornalismo para a sala de aula pode ser uma forma interessante de não somente trazer esse cotidiano do aluno ao ambiente de sala de aula e preparar futuros leitores de mídia, mas também leitores/ ouvintes/ telespectadores mais reflexivos e com maior poder de argumentos”, (GAIA, 2006, pg. 126).

Para Rosana: “É necessário que estejam preocupados com a vida democrática e interessados em formar alunos aptos não só a ler e escrever, mas também a participar, decidir e promover práticas coletivas de interação.” (GAIA, 2006, pg. 125, 126)

A educação através de um meio de comunicação como o rádio, pode servir como um instrumento pelo qual os alunos possam aprender a ter consciência da realidade midiática, levando-os a refletir.

“O sentido fundamental dessa concepção de educação radiofônica consiste na transformação de um homem acrítico em um homem crítico; de um homem a quem os condicionamentos do meio lhe impõem uma postura passiva, conformista, fatalista, a um homem que assume seu próprio destino; um homem capaz de superar suas tendências egoístas e individualistas e abrir-se aos valores solidários e comunitários.” (PATRICIO, 2006, pg. 220)



Assim, através do programa de rádio no alto-falante da cidade de Iguaraçu, poderemos desenvolver nos alunos a consciência crítica e responsável e levá-los à compreensão da realidade da mídia.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

Para o desenvolvimento deste trabalho, buscamos embasamento teórico de vários estudiosos na área de comunicação, educação e cidadania, para dar suporte à prática desenvolvida no trabalho e outros como: Inter-relação Comunicação/Educação, Educação e Cidadania e Rádio Escola. Achamos que esses itens seriam importantes para o desenvolvimento deste trabalho, pois relatamos dados importantes sobre todo esses processos que estão em desenvolvimento.

2.1. Inter-relação Comunicação / Educação

Segundo Angela, a informação é um fato fundamental para a educação (que atua diretamente no setor produtivo). Como conceito de Educação utilizamos a perspectiva construtivista Freiriana, situando a prática educativa como processo contínuo de individualização no e com o social. O fluxo da informação é trajetória invisível que se movimenta em cadeias semióticas de singularidades que transitam de uma cultura para outra, impulsionadas pela desterritorização, agregadas a componentes estéticos, éticos e afetivos. (SCHAUN. 2002, pag. 128.)

Tudo é comunicação, transitando num meio invisível, transparente, entre linguagens, palavras, discursos, sons, fala, imagens, narrativas, abrigando ainda a discussão de uma nova dimensão da realidade, propiciado pela velocidade da luz, onde percebe a comunicação como expansão.

Para Paulo Freire, a palavra comunicar-se é o entendimento de uma filosofia educacional, necessária e irrevogavelmente voltada para a comunicação entre os homens.



No Brasil, Ismar Soares vem sistematizando a questão da Inter-relação Comunicação e Educação: como um campo epistemológico emergente. Para ele a educomunicação se caracteriza pela busca permanente de respostas pragmáticas e conceituais, para as questões complexas extratificadas nas condições de vida da sociedade contemporânea, especialmente frente ao paradoxo da velocidade, dos avanços, das tecnologias, das informações e das exigências, de especialização dos papéis dos agentes sociais.

Soares (1999) levanta três hipóteses sobre a Inter-relação Comunicação / Educação:

“a) Perspectiva de autonomia irreconciliável, entre os dois campos, através de suas interfaces a relação entre os dois campos, sustenta-se na perspectiva da mútua prestação de serviços;

b) Perspectiva da emergência de um novo campo (um novo campo interdiscursivo e interdisciplinar com referências teóricas e metodológicas próprias que já teriam surgido) expressando-se na atuação de um novo profissional cujo perfil está sendo construído na prática de ação comunicativa em espaços educativos;

c) Como espaço educativo, podemos também compreender a mídia como formadora de opinião e principal emissora dos contratos de leitura, da relação interdiscursiva mediação – recepção do mundo contemporâneo.” (SOARES, 1999, pág. 25)

Para Soares existem quatro áreas concretas de intervenção social, as quais são:

a) A área da educação para a comunicação, que são reflexões em torno do processo de comunicação, formando receptores autônomos e críticos frente aos meios.

b) A área da mediação tecnológica na educação, são as reflexões sobre os múltiplos usos das tecnologias da informação na educação.

c) A área da gestão comunicativa, que é o planejamento, execução e procedimentos que se articulam no âmbito da comunicação / Cultura / Educação, criando ecossistemas comunicacionais.



d) A área da reflexão epistemológica corresponde ao conjunto de estudos sobre a natureza do fenômeno Comunicação e Educação.

2.2. Educação e Tecnologia

A era da tecnologia é mais que um desafio para os educadores, mas um desafio bom, onde eles se aperfeiçoam e praticam toda a modernidade, para assim transmitirem para os alunos.

Assim, as tecnologias devem constituir-se também em objetos de análise e estudo, através de processos de pesquisa dos seus efeitos, usos e representações culturais, baseados por um desafio central, que não só os educadores, mas também a democracia se preocupa com todo esse avanço e consumo de conhecimento.

Segundo Guilherme, tudo se conecta pela estruturação e desenvolvimento da era tecnológica. Assim sempre defende as proporções da TV que fala sobre os avanços, o poder televisivo e suas concessões, ou melhor, esse desenvolvimento ele explica os processos de televisão, os meios de qualidade, os processos que possuem mais avanços tecnológicos, e assim as possibilidades de maior recurso no meio de comunicação e na era tecnológica da televisão.

Conforme o autor, “a tecnologia não é um resultado inevitável, nem natural, do avanço científico. A tecnologia podia e pode ser diferente, podia e pode ser outra, diversa.”

Guilherme fala da era televisiva, sobre sua qualidade de imagem, som entre outros, conta sobre a população que possui maior qualidade de imagem e daqueles que não possuem, assim sobre o direito dos que possuem maior capacidade de pagar uma TV a cabo, onde poderão assistir sua TV com maior qualidade e som, e também daquele que possui uma qualidade inferior, coisa que tecnicamente podem desfrutar do mesmo.



“As novas tecnologias, ao serem inseridas e definidas pelas leis do mercado, fazem, de maneira inevitável dentro dessa lógica, que uma de suas principais conseqüências seja a exclusão de muitos e a inclusão de poucos.” (OROZCO, pág. 04)

Nos dias de hoje a tecnologia está cada vez mais avançada, pois vivemos num mundo digital. Os alunos dependem do ensinamento que os professores passam para eles, os professores precisam se aperfeiçoar cada vez mais nessa era moderna e tecnológica. Assim os alunos aprenderão o que está acontecendo no mundo social.

As mensagens passadas pela mídia são dinâmicas e distintas. Por isso devemos saber como elas são passadas e entendidas pela sociedade. A mídia com seu desenvolvimento e expansão, transforma o mundo de hoje na era da informação e da comunicação. Assim as relações interpessoais se vêem cada vez mais intermediadas por relações simbólicas e midiáticas.

Para Castilho, “falamos com os outros mais pelo telefone do que pessoalmente, tomamos conhecimento do mundo pela imprensa e assistimos a vida passar pela tela da TV, viajamos através do fax e navegamos pela internet.”

Educar o público é torná-lo convincente do poder e efeito das informações; fazê-lo capaz de manter uma atitude crítica diante da mídia. Segundo Castilho Costa “Alfabetização imagética, consciência crítica, apropriação dos meios de comunicação, mídia alternativa e comunitária são alguns dos conceitos que norteiam a pesquisa científica e o debate a respeito da comunicação”.

A revolução tecnológica torna as tarefas cada vez mais abstratas, abrigando o jovem trabalhador a utilizar cada vez mais raciocínios e criatividade em vez de atitudes convencionais e retóricas. A quantidade de informações e conhecimentos do mundo moderno exige que o professor redimensione seus currículos e estabeleça prioridades. Mais importante é ensinar a pensar e a conhecer do que transmitir conteúdos determinados por uma grade curricular.

“É necessário que estejam preocupados com a vida democrática e interessados em formar alunos aptos não só a ler e escrever, mas também a participar, decidir e promover práticas coletivas de interação.” (GAIA, pg. 125,126)



As crianças passam a maior parte do seu tempo diante da TV do que nas escolas ou estudando. Assim, com a evolução da mídia, a TV envolve as crianças de uma maneira que as percam do estudo ou aprendizado pedagógico, pois preferem passar mais tempo na TV do que com os professores em sala de aula.

Os adolescentes têm a preferência pelo mundo virtual, pela TV, rádio e etc, pela falta de obterem mais entretenimento, mais imagens, sons e qualidade visual, assim perdendo para o lado da educação em sala de aula, onde tudo se torna algo massivo, pois a TV tem o espaço do lazer, do entretenimento, da ficção e da arte.

“Levar o jornalismo para a sala de aula pode ser uma forma interessante de não somente trazer esse cotidiano do aluno ao ambiente da sala de aula e preparar futuros leitores de mídia, mas também leitores/ ouvintes/ telespectadores mais reflexivos e com maior poder de argumentos.” (GAIA, pg. 126)

Na era do computador, a revolução eletrônica uniu as duas áreas o entretenimento e o texto, o trabalho em casa, o estudo virtual, mas ainda não é o melhor solução. Pois as crianças ainda fogem dos livros e dos jornais impressos.

Mas, para muitos educadores, esse veículo de informação parece que transpõe os meios da escola e aparece como veículo de troca de informações e importante ferramenta pedagógica. Conhecer esse meio é propiciar-se dele para ser um desafio com os alunos e professores.

Segundo Ismar, “[...] a necessidade de preparar professores e estudantes para usufruir dos novos recursos e usá-los adequadamente, tanto nos processos de ensino-aprendizagem quanto nas atividades voltadas a ampliar o campo da expressividade das novas gerações [...]” (SOARES, 2002, pg. 17,18)

Mas os computadores tornaram-se mais importantes entre troca de informações e conhecimentos entre professores e escola, onde não tenham que ficar mais na escrita do papel. A era informática ajuda também na comunicação e na interatividade entre os alunos. “[...] proposta ao educador na escola é o estímulo para que os alunos se apropriem das mídias e das tecnologias de comunicação para produzir seus próprios veículos e desenvolver suas formas de expressão.” (COSTA, NCE/USP, pág. 7)

2.3. Educação e Cidadania

Para Giuseppa, “Na sociedade atual, em que a tecnologia e a velocidade se colocam em evidência nas dinâmicas sociais, faz-se necessário pensar a comunicação que se pode realizar nos meios populares. Mas do que as deficiências, até mesmo estruturais, em áreas como educação, saúde, moradia, trabalho e lazer, com as quais as chamadas populares são obrigadas a conviver cotidianamente, a exclusão na produção social de informação e, logo de comunicação destitui esses grupos do direito de discussão, participação e exercício da cidadania.” (SPENILLO, 2001, pg. 02)

Para que as comunidades populares possam rever o lugar de receptores que lhes têm sido conferido em nossa sociedade e, assim, chegam a uma condição de real democracia, em que os elementos necessários para produzir comunicação (e não só consumi-la) estejam realmente à disposição de todos, é preciso empenho dos comunicadores para levar as chamadas populares.

Recessos tecnológicos a serviço da comunicação e, mais do que isso, trabalhar em prol de encontrar e fazer serem usados os recursos comunicacionais.

“Há diversas formas de se colocar em prática o potencial comunicacional de um grupo como as experiências com vídeo e debate realizados por educadores a partir de programas televisivos, as rádios comunitárias, os mutirões, os grupos de discussão e outros. Essa variação deve, apenas, estar em acordo com as condições concretas da comunidade com o tipo de interesse do grupo e sua mobilização, com elementos externos ao grupo que chegam até eles, e muitas vezes determinam o modo de ser e de estar no mundo, com a cultura peculiar à comunidade”. (SPENILLO, 2001, pág. 02)

Para Cecília Peruzzo, “A participação da comunicação comunidade, obtendo níveis de participação da população em projetos comunitários. Dentro dos processos participativos mais amplos que podem ir, da participação passiva ou objetivada, da participação limitada ou manipulada e até a congestão ou autogestão”.

Na prática da participação popular na comunicação comunitária pode significar (PERUZZO, 1998 pág. 145):



a) o simples participar das pessoas em geral acasionalmente, ao nível das mensagens. Ou seja, participam dando entrevistas, avisos, depoimentos, sugestões ou contando ou cantando, pedindo músicas, concorrendo em cursos e etc;

b) participar elaborando matérias (notícias, poesias, desenhos e etc);

c) participar no processo de produção global do jornalzinho, do programa de rádio e etc;

d) participar na definição da linha política, do conteúdo, do planejamento, da edição, do manejo de equipamentos e etc;

e) participar do processo de gestão da instituição de comunicação como um todo.

A participação entra em diferentes níveis e modalidades. Participação nada mais é que participar da democracia, ir à algum lugar, com o compromisso de algo e relacionar com poderes, ou melhor, é tudo aquilo que significa processos formas, níveis e intensidades.

Na prática participação na comunicação comunitária pode significar:

- “O simples participar das pessoas em geral ocasionalmente ao nível das mensagens. Ou, seja, participam dando entrevistas, avisos, depoimentos, sugestões ou contando, pedindo músicas, concorrendo em concursos, etc.”

- Participar elaborando matérias notícias, poesias, desenho, etc.

- Participar no processo de produção global, no jornalzinho do programa de rádio, etc.

- Participar na definição da linha política, do conteúdo do planejamento, da edição, do manejo e equipamentos, etc.

- Participar do processo de gestão da instalação de comunicação como um todo.



Estimular as crianças para participarem do processo de discussão, elaboração e locução de programas de rádio foi uma participação no nível mais elevado, conforme Cecília Peruzzo.

A comunicação, além de desejável e importante, ela é de difícil realização em diversas partes do nosso continente. Não só pela estrutura dos meios de comunicação como também pelas condições sócio-econômicas e culturais de grande contingentes populacionais.

Assim, devemos ter mais força de vontade naquilo que diz respeito a nosso meio de comunicação, devemos lutar e exigir nossos direitos, pensar em lutar mais pelos meios de comunicação, que é a fonte principal.

Ao tratarmos e falarmos de participação explicaremos o seu processo, onde cada indivíduo participa das produções ajudando como forma de contribuição para o avanço em qualidade participativa.

Segundo Utreras (1988), níveis de participação popular e meios de comunicação comunitários são:

“Participação ao nível das mensagens.

Participação ao nível de produção de mensagens.

Participação ao nível da produção de programas, de boletins informativos e etc.

Participação ao nível do planejamento global, do meio de comunicação.

Participação ao nível da gestão global do meio de comunicação.

Participação ao nível de planejamento global dos meios de comunicação locais, regionais e nacionais.

Em geral a participação popular pode se concretizar apenas como ouvinte, leitor ou expectador que significa tomar partido dos processos de comunicação.

Segundo o autor participação se aprende e se aperfeiçoa porque.

“ninguém nasce sabendo participar (...), a habilidade de participar, cresce rapidamente quando existem oportunidades de praticá-las com a



prática e a auto participação que vai se aperfeiçoando” (ibidem PERUZZO, pag. 3,4)

A cidadania é o exercício de deveres que traz o bem-estar de todos os membros da sociedade. A cidadania é um fator essencial para o progresso e desenvolvimento dos homens.

O rádio é um meio que abre o espaço para a cidadania, principalmente dentro das escolas, onde a ação pedagógica, junto com um meio de comunicação, auxilia e facilita o processo de aprendizagem do aluno. Segundo Adriana, “[...] o professor deixa de ser um detentor do saber, um transmissor de informações por meio de preleções e passa a criar e organizar para que o aluno busque o conhecimento e seja sujeito do seu processo de construção do saber”. (AZEVEDO, NCE/USP, pág. 5 e 6)

O auxílio dos professores e as possibilidades que o rádio oferece para os trabalhos pedagógicos, ajudam os alunos na sua formação de cidadão crítico, participativo e consciente. Pois o uso de meios de comunicação no ambiente escolar traz uma transformação positiva na sociedade, tornando-se um elemento fundamental para a escola, que estimula a participação e a criatividade dos alunos.

2.4. Rádio-Escola

Pela relação Rádio-educação entendemos que são as transmissões radiofônicas que trazem conhecimentos educativos aos ouvintes. Desde os anos 20, a primeira função do Rádio no Brasil foi educativa.

“[...] as emissoras radiofônicas promoviam transmissões de concertos, espetáculos teatrais, temporadas líricas, programas infantis como “Quarto de Hora de Tia Beatriz”, da Rádio Sociedade, e “Hora Infantil” da Rádio Guanabara, conselhos de higiene, notícias gerais e esportivas, jornal falado, dramatização, radiodramas, narrativas, reportagem educativa e outros.” (ASSUMPÇÃO, 1999, pág. 31)

Para professores, a Radioescola servirá como um instrumento de ensino, inserido na grade curricular dos alunos, pois é um meio de comunicação que não pode ser desprezado pela escola. Os professores podem utilizá-lo em suas aulas como mais um instrumento de ensino.



A Radioescola é a transmissão radiofônica que ocorre dentro das escolas, com programações pedagógicas produzidas pelos próprios alunos, com a orientação dos educadores. Zeneida confirma: “Com esse meio de comunicação simples, os educandos poderão produzir seus próprios programas radiofônicos. A Radioescola é uma grande aliada da educação, desde que o professor saiba como utiliza-la no ensino/aprendizagem.” (ASSUMPCÃO, 1999, pág. 47)

O uso do alto-falante como Radioescola foi um início para criar nos alunos a responsabilidade, desde quando demos a liberdade na escolha dos temas e programações a serem transmitidas, trabalhando com a informação no processo educacional e auxiliando na formação do senso crítico.

A escola não deve viver apenas no giz e do quadro-de-giz; existem outros meios que podem ser utilizados no ensino/aprendizagem. A Radioescola é um instrumento de ensino que trabalha no contexto educacional. Segundo Zeneida, a Radioescola torna-se um meio gerador dos conhecimentos sistematizados e vivenciados pelo aluno no seu contexto socioeducacional, compartilhando com outros colegas o saber elaborado e novos conhecimentos.

“A Radioescola poderá formar o senso crítico da criança quando, por sua especificidade, despertar sua curiosidade, exigir dela o trabalho em equipe, a pesquisa, a observação, a crítica da realidade e a constante atualização, propiciando ao aluno condições para tornar-se um agente ativo e participante da sua comunidade, fazendo-o interagir no processo comunicativo-educacional, instrumentalizando-o para o exercício da cidadania.” (ASSUMPCÃO, 1999, pág. 89)

Tanto a comunicação como a educação possuem seus eixos epistemológicos, tanto uma quanto a outra lidam com as interações entre as pessoas, aprimorando as relações sociais entre os pontos mais comuns entre o educador e o comunicador que são:

- Preservar e ampliar o saberes constituídos.
- Manter a coesão do tecido social.
- Sustentar a lógica do sistema de produção e consumo.
- Fortalecer o estado de direito.



- Melhorar a relação interpessoal (entre os indivíduos).

- Melhorar a relação interpessoal (dos indivíduos consigo mesmo).

Analisando melhor o que fazem uma e outra em termos de processos, temos:

Os processos educativos visam quase sempre a um fim utilitário que pode ser o de instruir sobre o uso de tecnologias, disseminar um certo processo lingüístico ou validar uma moral específica, entre outros.

Já os processos comunicativos costumam ainda sustentar o que poderíamos chamar de uma distinção menor entre meios e fins, podendo, até em certa medida, ser tomados como mediadores.

Na verdade, é mais claro falar que a educação enfatiza o ato de transmitir a informação mais do que o de recebê-la. Já os comunicativos, nos dias atuais, alimentam uma grande preocupação com quem recebe a mensagem, inclusive pela identificação deste personagem com o consumidor.

Além do que os processos comunicativos acabam se identificando mais com os setores produtivos (poder econômico). No geral os dois processos de comunicação-educação, vem avançando bastante, tendo como objetivo, suas reflexões. Segundo Maciel: “Situar criticamente o professor-leitor no universo das relações entre a Comunicação (origem do rádio e de sua linguagem) e a Educação (destino do trabalho pedagógico aqui proposto)” (CONSANI, 2007, pág. 12)

Inserir o professor-leitor no debate sobre o uso dos meios de comunicação na escola, não apenas como recurso de apoio a um fazer pedagógico estabelecido, mas como interfaces que ajudem a cumprir a promessa permanente de uma educação democrática e universal que a escola ainda sustenta.

Deve-se introduzir conceitos referentes ao fazer comunicativo e que são indispensáveis para que o educador se aproprie da radiofonia (e de outras linguagens) com todo o seu potencial “revolucionário.”



Nos dias de hoje, podemos dizer que as escolas estão substituindo professores ou agregando potencialidades, algo essencial para trabalhar aulas diferentes, além do que educomunicação não é uma palavra tão estranha assim; já ouvimos falar e estamos adaptando esse meio. Muitas escolas estão se adaptando para trabalhar com um educador em sala de aula, incluindo na grade curricular dos alunos. A relação entre educadores e educandos são simétricas, bidirecionais e dialógicas, como dizia Paulo Freire, referimos ao papel do professor como um transmissor de saberes ou um ensinante, mas como mediador de situações e processos educativos.

Usa-se o Rádio na escola com fins didáticos, ou seja, de programas comerciais dentro de uma leitura crítica, tendo em vista conteúdos pedagógicos entre outras razões. Assim podemos dizer que o Rádio é considerado privilegiado entre outros meios de comunicação, pois ainda se mantém em alta perante os outros meios e suas características que o tornam mais eficiente. Maciel define as características do rádio como:

- Intrínsecas – a imaginação que o Rádio favorece à medida que ele não entrega uma versão com imagens; a fidelidade do ouvinte, quando as pessoas ouvem determinado programa sempre no mesmo horário; a simplicidade na produção, pois os recursos usados pelo rádio é um repórter com gravador, colocando em vantagem em relação aos outros meios de comunicação; agilidade de reportar as notícias antes dos outros ouvintes, devido à simplicidade técnica.

- Extrínsecas – no rádiojornalismo é um veículo que tem que recortar suas informações pois ele não é como um jornal impresso, que pode apresentar um grande número de matérias; a radiofonia tem a característica da emoção e da expressividade dos locutores, o que torna diferente das mídias impressas, por exemplo, o rádio divide a atenção do ouvinte com outras mídias, não monopoliza a atenção dos ouvintes;

- Potenciais – O rádio tem sua vocação educativa, o texto de uma locução é lapidado para chegar a um enunciado breve da informação que se quer transmitir; a mídia radiofônica tem uma grande relação com a música, o rádio proporciona uma viabilidade comercial que outra indústria não poderia desenvolver; o



rádio sempre teve a função de prestação de serviços, e serviu como modelo para outras mídias que surgiram posteriormente, como a TV. Por comprovação estatística, a maioria dos ouvintes sintonizam o rádio para procurar informações como hora certa e previsão do tempo.

3 A ESCOLA E A TURMA

Em 1956 foi criado no município o “Ginásio Estadual de Iguaçu” para dar continuidade aos estudos da 1ª a 4ª Séries, pelo Decreto Governamental nº 6.370 de 29 de outubro, publicado no diário oficial nº 198 de 31/10/1956. De acordo com o artigo 127 da Portaria Ministerial nº 501, de 19/05/52, foi concedido ao Ginásio Estadual de Iguaçu autorização condicional da Inspeção Regional de Maringá, responsável na época, o Senhor Aristino Faustino de Almeida que autorizou o início das aulas para 10 de março de 1960.

A demora de 4 anos da inauguração deste estabelecimento se deu devido à espera da construção do prédio e à aquisição de equipamentos necessários para o seu funcionamento. Conforme Decreto nº 12049, de 12 de novembro de 1968, este estabelecimento para a denominar-se “Ginásio Estadual Cyro Pereira de Camargo”.

Conforme Resolução nº 4268/83, de 22 de dezembro de 1983, fica reconhecido o curso de 1º Grau regular da Escola Estadual Cyro Pereira de Camargo – Ensino de 1º Grau. Assim, em virtude da municipalização do ensino de 1ª a 4ª Séries do 1º Grau – Ensino de 1º e 2º Graus, passando a denominar-se “Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo – Ensino de 1º e 2º Graus”, conforme Resolução nº 4.788/93 de 31 de agosto de 1993, ofertando as habilitações de Magistério e Auxiliar de Contabilidade.

De acordo com a Resolução nº 1.869/99, de 10 de Maio de 1999, foi reconhecido o Ensino Médio (Educação Geral), passando o estabelecimento a denominar-se “Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo – Ensino Fundamental e Médio”.

Segundo a vice-diretora e professora Maria Bernadete Jussane Sanches, o trabalho o qual estamos desenvolvendo é uma novidade para o colégio, pois até agora os trabalhos foram desenvolvidos por professores ou estagiários que somente



auxiliam. As atividades que foram desenvolvidas pelos alunos são: Semana Cultural, que é realizada todos os anos, assim como teatro, poesia, pintura. Cada professor fica responsável por uma turma, onde é desenvolvido um projeto, que a partir daí surgem as apresentações, que são apresentadas na Semana Cultural. Este ano as turmas apresentaram em setembro, na Casa da Cultura, com três dias de apresentações. O evento vem chamando a atenção de outras escolas, que já tem o intuito de participar no próximo ano. Mas o que mais agrada os alunos são as atividades esportivas.

Até mesmo o diretor Valdemar, que foi professor de geografia, fazia projeto de excursões no fim do ano para os alunos conhecerem parques, montanhas, e uma viagem até São Mateus do Sul para conhecerem a Petrobrás.

O Colégio é o único da cidade, por ela já passaram muito jovens e adultos de Iguaraçu, é considerado um Colégio de ótima qualidade, pois trabalha com ótimos pedagogos, qualidade nos conteúdos e aulas diferenciadas onde atraem a atenção dos alunos.

O Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo é uma referencia para a cidade, muitos adolescentes da região como,

Hoje o Colégio conta com uma equipe de 26 professores, tendo em média 300 alunos, sendo eles alunos de 5ª a 8ª série e de 2ª Grau, um número elevado, pois ainda existem pais que preferem que seus filhos estudem em escolas particulares, como Iguaraçu não possui escolas particulares. Então são obrigados a partirem para cidades da região.

As atividades desenvolvidas no Colégio são atividades voltadas à grade escolar, onde os professores trabalham com aulas diferentes e inovadoras.

Hoje os alunos já podem desfrutar de uma quadra coberta, pois, há alguns anos atrás, os alunos tinham que praticar aulas de Educação-Física de baixo de Sol quente, já nos dias de hoje, os alunos treinam num ambiente mais a vontade fora do sol e sem medo de chuva.

Um Colégio com muitas histórias para se contar, raízes de Iguaraçu, muitos professores estudaram lá e hoje estão de volta, mas futuramente serão eles os



novos professores de novos alunos. Muitos diziam que antigamente o Colégio era conhecido como ponto de encontro, pois muitos alunos moravam da zona rural, e quase não podia sair para namorar. Então, quando dava um intervalo de uma aula para outra, eles corriam lá fora para conversar, coisa de antigamente, mas que continua na memória de muitos e considerado por poucos.

Cyro Pereira era um dos Colégios mais falados da região. Antigamente os diretores e professores faziam eventos grandes de fim de ano, preparavam todos os alunos para participarem de danças e desfiles, coreografias e outros. Todas as apresentações eram realizadas por estudantes do Colégio, onde passavam todo ano ensaiando e se preparando, os desfiles eram para meninas e moças, como Miss brotinho e Miss estudantil, era uma festa só. As apresentações de patins eram um dos momentos mais marcantes e esperados da festa, pois eram muitos jovens que participavam de coreografias em cima de patins.

O Colégio trabalhava com incentivo à leitura, onde o diretor e professores promoviam festas e quem lesse mais livros durante todo ano, ganhava em primeiro lugar uma Bicicleta, em segundo lugar um Walkman, e por último 50 reais. Projetos de incentivo à leitura que deixava os Colégios agitados e ansiosos para a disputa.

Trabalhos como este que enriquecem uma Escola seja ela qual for, trabalhos assim só enriquecem a comunicação e despertam o interesse dos alunos para a leitura e para as atividades do Colégio. Atividades como estas que devem ficar na História de cada um que um dia passou por esse Colégio e para aqueles que ainda usufruem desse meio educacional que contém muitas riquezas e muitas qualidades de ensino.

O trabalho foi desenvolvido pelos alunos da 8ª Série “B”, do Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo, na faixa etária de 13 a 15 anos de idade, de nível sócio-econômico baixo. Todos são moradores de Iguaraçu, onde alguns moram com os pais, tios ou avós. Os alunos são: Cleiton Augusto da Silva Santos, 13 anos; Clementino Konfidera Junior, 15 anos; Douglas da Silva Conceição, 13 anos; Geovana Aparecida da Silva, 13 anos; Jéssica Novais dos Santos, 15 anos; Karen Rayane



Ribeiro da Silva, 14 anos; Meire Cristina Trindade, 14 anos; Renata Crisley Diniz, 13 anos; e, Yasmin Pinheiro, 14 anos.

A turma é pequena, composta por apenas 9 alunos que são unidos, trabalham em grupos e, além de tudo, são dinâmicos e comunicativos.

Este trabalho é um estímulo maior para a classe, dando oportunidade de se aperfeiçoarem na leitura, na redação, e principalmente mostrar para todos uma melhora na capacidade de cada um.

“o sentido fundamental dessa concepção de educação radiofônica consiste na transformação de um homem acrítico em um homem crítico; de um homem a quem os condicionamentos do meio lhe impigem uma postura passiva, conformista, fatalista, a um homem que assume seu próprio destino; um homem capaz de superar suas tendência egoístas e individualistas e abrir-se aos valores solidários e comunitários.”
(PATRICIO, pg. 220)

4. O PROJETO RÁDIO-ESCOLA

O trabalho foi desenvolvido em três etapas. Primeiro fomos ao Colégio Estadual Cyro Pereira de Camargo, apresentar o projeto ao Diretor Sr. Valdemar Canavezi. Em segundo lugar, fomos no alto-falante da cidade para falar sobre o projeto com o locutor Mario Titato. E por fim, após a aprovação do diretor e do locutor para desenvolver o projeto, fomos na sala de aula da 8ª “B” do turno da tarde, para conversar com os alunos sobre o trabalho que iremos desenvolver. E assim, não só gostaram como também aceitaram participar do projeto.

4.1. A idéia, a aceitação e a recepção

Inicialmente, no dia 11 de setembro, fomos até o Colégio Cyro Pereira de Camargo da cidade de Iguaraçu-PR, onde apresentamos nosso pré-projeto para o diretor Valdemar Canavezi. Falamos dos nossos objetivos e a produção de um



programa de rádio e ele achou a idéia do programa interessante, pois já tinham pensando em fazer algo parecido, mas ninguém teve a iniciativa de começar um projeto de rádio-escola. Por enquanto o programa será no alto-falante da cidade, mas o diretor tem a intenção de instalar na escola uma rádio para os alunos.

A escolha da turma foi nossa, pois queríamos trabalhar com a 8ª série. Entre as três turmas, sendo uma em cada turno, escolhemos a 8ª série do turno da tarde, composta por apenas 9 alunos. Para que os professores do Colégio se inteirassem do projeto, no dia 12 de setembro, a orientadora realizou uma palestra para os professores e direção, sobre a Educomunicação, linha de estudo/pesquisa, que está abrindo espaço para jornalistas trabalharem junto com educadores dentro da sala de aula. Conversamos abertamente com todos sobre a nossa intenção com esse projeto. A partir daí os professores concordaram em permitir que o trabalho fosse desenvolvido.

Fizemos também uma visita ao alto-falante da cidade, onde também apresentamos o pré-projeto para o locutor Mario Titato e tivemos a aceitação para o desenvolvimento do trabalho de rádio-escola no alto-falante. Ele cederia um espaço de vinte minutos do seu programa. Os alunos produziram cinco programas para serem exibidos, às 18h, sendo um programa por semana. O alto-falante tem a programação das 12h às 13h horas, e das 18h às 19h horas, com avisos, músicas, notas de falecimento, achados e perdidos, datas comemorativas, comunicados especiais entre outros.

5. AS ETAPAS

13/09/2007 – No primeiro contato com a classe, apresentamos o projeto e a aceitação pelos alunos foi geral. Quando falamos que queríamos fazer um programa de rádio no alto-falante todos gostaram da idéia e nos fizeram várias perguntas, como: quem que iria apresentar, se todos poderiam falar no alto-falante, quando iriam ao ar, entre outras. Demos início aos trabalhos com os alunos da 8ª série “B” do turno da tarde, aplicando um questionário para conhecer melhor cada aluno. Neste questionário percebemos que nem todos os alunos moravam com os pais, alguns com tios e avós, que a minoria tinha acesso à Internet, e a maioria passava quatro horas ou mais assistindo televisão.



14/09/2007 – Solicitamos a leitura de uma matéria jornalística individualmente, para conhecer o nível de oratória, pontuação e entonação de cada um deles. Percebemos o quanto a leitura da maioria estava ruim e, a partir daí, desenvolveríamos mais leituras e produções de textos para melhorar a redação e a leitura.

21/09/2007 - Passamos um vídeo sobre a novela Rebelde, escolhida pelos alunos como um dos programas favoritos, e discutimos sobre o tema. Neste mesmo dia pedimos uma análise crítica sobre a novela.

Solicitamos uma redação sobre a história da família de cada um dos alunos, para através deste trabalho dar início a construção da cidadania. Solicitamos também que cada aluno contasse o que mais e o que menos gosta na cidade, levando-os a refletir sobre a mesma.

03/10/2007 - Pedimos para cada um fazer a leitura de seus textos, e tivemos que fazer individualmente, pois não queriam ler para toda a classe. Os alunos não gostam de ler em voz alta, pois quando alguém da sala faz uma leitura os demais tiram sarro, intimidando o aluno. Neste mesmo dia, os alunos decidiram as partes do programa, isto é, a linha editorial, que ficou assim constituído:

Utilidade Pública, Esporte, Lazer, Musica, Cultura, Meio Ambiente, Signos, Saúde e Curiosidades.

Percebemos que, quando damos a eles a autoridade de poder escolher os temas do programa, os alunos se sentem valorizados, como que se tivessem voz e vez, se sentindo entusiasmados naquilo que fazem.

05/10/2007 - Explicamos o LEAD e como se faz uma matéria, e levamos recortes de jornal para os alunos identificarem o Lead na notícia. Todos souberam identificar cada tópico do Lead. Os alunos escolheram o nome para o programa de rádio, que será Rádio-Escola Adolescentes em Ação. Vários outros nomes surgiram, mas o que agradou a maioria foi este. Elaboraram um panfletinho para ser distribuído na cidade, divulgando o dia e horário da primeira programação. A partir daí foram elaborados e apresentados os cinco programas da Rádio-Escola.



6 PARTICIPAÇÃO E DESENVOLVIMENTO

Desde o primeiro contato com os alunos, tivemos a impressão de que o trabalho não seria fácil, pois sentimos que era uma turma muito desinteressada. Mas no desenvolvimento de atividades o interesse deles foi aumentando e pegando gosto pelo projeto.

Na inauguração do programa, os próprios alunos fizeram a divulgação na cidade, discutimos as matérias e as músicas, montando o primeiro programa que seria no dia 11 de outubro. O aluno Clementino levou um CD com várias músicas, dos gostos deles, as quais eles escolheriam para ir ao ar. Deixamos que os alunos escolhessem quem apresentaria o programa, e os escolhidos foram Clementino Junior e Karen Rayane da Silva. Como no dia 12 de outubro seria feriado de Nossa Senhora Aparecida e Dia das Crianças, e no dia 15 seria Dia do Professor, a Karen sugeriu fazer homenagens com poemas e músicas. Todas as matérias foram pesquisadas por eles, onde foram a pontos de informações como a Igreja Católica, na Secretaria de Esportes e na Prefeitura Municipal.

Nos reunimos no final da aula no pátio do Colégio para ensaiar o programa. Estavam presentes os dois locutores escolhidos, mais os alunos Cleiton e Renata que acompanharam a apresentação do programa no alto-falante, que aconteceu às 18 horas. Pelas condições técnicas, o programa é elaborado e apresentado ao vivo. Ao chegarmos ao alto-falante, o locutor Mario já havia anunciado a inauguração do programa e já estava a nossa espera. Em todo o momento ele nos ajudou com os equipamentos. Na hora de tocar as músicas deu dicas aos alunos sobre como se posicionar no microfone, falar pausadamente e quando seria a hora de entrar no ar.

No dia do primeiro programa, no ensaio para a apresentação, ajudamos o Clementino Junior e a Karen da Silva, na postura, respiração e interpretação, que contribuiu para uma boa dicção. Trabalhamos em cima da dificuldade de cada um, pois estavam nervosos por ser a primeira vez que apresentariam seu próprio programa, mas em todo momento se mostraram interessados e entusiasmados para a apresentação. No decorrer do programa notamos que tanto o Clementino como a



Karen se desinibiram ao falar ao vivo, e sentimos que, a partir daí, já possuíam condições para dar continuidade ao programa.

Para o segundo programa, a professora de Artes Cristina cedeu sua aula para os alunos poderem montar a programação. Para o dia 25 os alunos Cleiton e Yasmin se dispuseram a apresentar o segundo programa. Os próprios alunos tinham informações sobre o que aconteceria na cidade nos próximos dias, buscaram os dados na Secretaria de Esportes e fizeram uma entrevista com o dentista da Família da cidade. Escolheram as músicas para colocarem nos intervalos da programação e tiraram o signo de jornais. E prontos para apresentar fomos para o alto-falante. Os estilos de música que eles gostam são bem variados, como pop, rock, sertanejo, mostrando como ainda não têm um gosto musical definido, e sim, gostam das músicas que tocam no momento.

No ensaio da apresentação, a aluna Yasmin se mostrou desinteressada, levando na brincadeira na hora da leitura; já o Cleiton se mostrou interessado, tanto que não precisamos dar muita atenção a ele, e ficamos mais atentas para ajudar nas dificuldades da Yasmin. No alto-falante eles tiveram uma desenvoltura melhor, principalmente a Yasmin que, no começo, levou na brincadeira e por final apresentou com seriedade.

No terceiro programa, os alunos que se disponibilizaram a apresentar foram a Jéssica e o Douglas. Nos reunimos no pátio do Colégio e colocamos em pauta o que seria colocado na programação. Foram coletados dados na Prefeitura Municipal, na Casa da Cultura. A matéria sobre depressão foi colhida de uma palestra dada na Igreja, e o signo foi tirado de um jornal.

Durante o ensaio para a apresentação a aluna Jéssica teve algumas dificuldades na leitura e tivemos que treinar bastante antes de irmos para o alto-falante.

Em relação a esses alunos, tivemos um bom resultado do que era esperado, pois a Jéssica nos ensaios estava muito desinteressada e com dificuldade na leitura. Os demais colegas da sala falavam que o Douglas não conseguiria apresentar, pois sempre gaguejava em sala de aula. Então na apresentação a Jéssica mostrou total envolvimento com o trabalho, e o Douglas fez uma boa leitura.

Para o quarto programa houve um sorteio em sala de aula, pois teríamos que repetir um aluno para apresentar. Na classe havia apenas nove alunos, e na ordem seriam dois alunos por apresentação. E por sorteio ficou o Cleiton de



apresentar novamente e junto com ele a Renata. Eles pegaram bastante informações de eventos na Casa da Cultura, Secretaria de Esportes e Prefeitura Municipal.

Nos ensaios percebemos que a Renata tinha mais dificuldade na leitura, mas esperávamos um bom resultado na apresentação. A participação de ambos foi por igual, mas a dificuldade que a Renata tinha nos ensaios prevaleceu. O Cleiton já estava com uma desenvoltura melhor, pois já era a segunda vez que apresentava o programa. No geral observamos que os dois se dedicaram e levaram a sério a todo momento.

E no último programa seriam as alunas Geovana e Meire, mas, por não comparecerem à reunião de pauta, os alunos Cleiton e Clementino Junior se prontificaram a apresentar novamente. Buscaram informações na Casa da Cultura, Prefeitura Municipal, Secretaria de Esportes e Departamento de Assistência Social. Escolheram as músicas para os intervalos.

O ensaio dessa vez foi mais tranquilo, pois já tinham apresentado outros programas. No começo eles estavam levando na brincadeira, mas depois da primeira edição descobriram o gosto pelo trabalho e têm a intenção de dar continuidade no programa.

No término do projeto fizemos uma pesquisa com os alunos, professores, Mario Titato e comércio.

Os alunos gostaram muito do programa e querem dar continuidade, só que queriam mais vezes por semana. Já os professores acharam o programa legal, descontraído, ligado à idade deles. Muitos ficaram até emocionados por saberem que foram seus próprios alunos que apresentaram os programas. Acharam importante para a cidade. Uma forma diferente de programação, pois desde o início sempre foi o Mário que apresenta o programa.

O programa serviu de motivação para os alunos, despertou um sentimento de valorização. Os professores opinaram que o programa deve continuar, estão até pensando em conversar com o Mario Titato, para ver se realmente os alunos têm condições de continuar o programa.

Segundo a professora Bernadete, o programa deve continuar, mas deve ser mais divulgado. A maior parte da população ouviram os programas, muitos acharam de bom proveito para os alunos e para a comunidade, já outros acharam que deveria ter uma duração maior, pois o tempo é curto.



Entre os entrevistados, alguns já estavam até acostumados com os programas, acharam interessante e divertido escutar a garotada falando no alto-falante, já que durante todo esse tempo só ouviram a voz de Mario Titato. É algo novo e atraente para aqueles que gostam de ouvir as programações.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo fazer com que os alunos, através das produções de programas, exercitassem a cidadania, se atualizassem e se inteirassem dos acontecimentos da cidade. No decorrer do trabalho fomos percebendo a mudança no comportamento e o interesse que eles começaram a demonstrar pela comunidade.

Tendo como base que o nosso objetivo foi alcançado, pois percorremos todas as etapas e desenvolvemos todos os trabalhos com o alunos. No início estavam todos acanhados e sem visão de como fariam uma produção de programa, pois era algo novo para eles, o que os deixou mais atraídos pelo trabalho. No decorrer dos trabalhos, descobrimos que os alunos têm um potencial muito grande e mostraram interesse e comprometimento com os programas. Após os cinco programas, eles ainda nos procuraram para dizer que gostariam de continuar fazendo as programações no alto-falante.

No fim do trabalho, fizemos uma pesquisa com a comunidade e com professores, sobre o que acharam de todos os programas desenvolvidos pelos alunos. A maior parte deles diz que, além de ser um trabalho de incentivo para a educação, também trouxe informações que deixaram a população mais informada sobre assuntos variados.

A partir deste trabalho, os alunos se sentiram mais valorizados e também valorização da comunicação, através do alto-falante, desenvolveram a criticidade e a prática da cidadania.

Iguaraçu é uma cidade pacata, onde uma pessoa fica responsável 30 anos pelo alto-falante, e através deste projeto constatamos que o titular do alto-falante pode contar com jovens na elaboração da programação, já que eles enriqueceram o programa com novas idéias que fazem a diferença no dia-a-dia.

A cidade não possui nenhum outro meio de comunicação, e, com esse trabalho, acreditamos que o alto-falante se torne mais valorizado perante toda a



população. Enquanto não tem rádio na cidade, que este seja um embrião de uma rádio comunitária.

REFERÊNCIAS

MELO, José Marques de Melo et al. **Educomídia, alavanca da cidadania: o legado utópico de Mário Kaplún**. São Paulo, 2006.

ASSUMPCÃO, Zeneida Alves de. **Radioescola: uma Proposta para o Ensino de Primeiro Grau**. São Paulo: Annablume, 1999.

COGO, Denise Maria. **Uso dos alto-falantes como emissora comunitária no Brasil**. In: No ar...uma rádio comunitária. São Paulo: Paulinas, 1998.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Gestão Comunicativa e Educação: Caminhos da Educomunicação**. Comunicação & Educação. São Paulo, 2002.

SOARES, Ismar de Oliveira. **Comunicação / Educação: A emergência de um novo campo e o perfil de seus profissionais**. Contato. Brasília, 1999.

OROZCO, Guillermo Gómez. **Comunicação, Educação e Novas Tecnologias: Tríade do Século XXI**. Goiânia, Universidade Federal de Goiás, maio, 1999.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Vozes Cidadãs: aspectos teóricos e análise de experiências de comunicação popular e sindical na América Latina**. Angellara Editora. São Paulo, 2004.

PERUZZO, Cecília M. Krohling. **Pistas para o Estudo e a Prática da Comunicação Comunitária Participativa**.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação. A Linguagem em Movimento**. 3ª Edição, Editora Senac. São Paulo, 2004.



SCHAUN, Angela. **Educomunicação: reflexões e princípios**. Mauad. Rio de Janeiro, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Televisão e Educação. Fluir e pensar a TV**. 2ª Edição, Autêntica. Belo Horizonte, 2003.

AZZOPARDI, Lucas, Pe. **Iguaraçu 50 anos de emancipação política: 1955 – 22 de novembro – 2005: uma abordagem multidimensional**. Unicorpore. Maringá, PR, 2005.

CONSANI, Maciel. **Como usar o rádio na sala de aula**. Contexto. São Paulo, 2007.

AZEVEDO, Adriana. **Escola e Comunicação: o Rádio como instrumento de cidadania**. NCE/USP.